

ROGER BASTIDE E O BRASIL

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIRÓZ, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS, UNIVERSIDADE DE
S. PAULO

Roger Bastide chegou ao Brasil em 1938, como integrante da Missão Francesa convidada a participar da organização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, e até 1954 dedicou-se à tarefa da formação dos jovens sociólogos brasileiros, tanto no campo teórico quanto de pesquisa. Até então, ou tinham os nossos sociólogos estudado no estrangeiro, ou eram autodidatas; a fundação do Curso de Ciências Sociais, na Faculdade acima mencionada, destinava-se justamente a promover um ensino sistemático levando à formação de cientistas, de professores, de pesquisadores profissionais.

A novidade da tarefa (na França não existia ainda um diploma de Ciências Sociais ou de Sociologia), as peculiaridades de um país diferente e original, o sucesso que as Ciências Sociais encontravam junto aos jovens, despertaram em Roger Bastide um grande entusiasmo pelo ensino, pela pesquisa e... pelo Brasil, que não deviam se extinguir senão quando se lhe extinguiu a vida.

*

Desde seus primeiros momentos brasileiros, procurou Roger Bastide decifrar o enigma de uma sociedade e de uma civilização aparentemente tão européia à primeira vista, e que era no entanto tão pouco européia em tantos aspectos; mas logo de início suspeitou das hipóteses que poderia formular baseando-se exclusivamente na bagagem científica que trouxera do Velho Mundo, e voltou-se decidido para os autores brasileiros, — escritores, historiadores, primeiros sociólogos e antropólogos, economistas, — que desde a Independência vinham tentando compreender sua própria sociedade e cultura: Raimundo Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Manuel Querino, Oliveira Vianna, e tantos outros. As primeiras hipóteses que Roger Bastide formulou, foram concebidas a partir dos conhecimentos adquiridos com a leitura e a análise destes autores, mas tendo também na base, como não podia deixar de ser, as teorias que haviam alimentado as primeiras idéias do jovem professor durante sua formação na França.

Esta forma de abordagem, a partir da literatura existente no próprio país subdesenvolvido que se projeta estudar, até então quase não havia

sido adotada por sociólogos e antropólogos estrangeiros e ainda hoje não é correntemente empregada; a sociedade pesquisada é encarada como “nativa”, no sentido de semi-bárbara, e, decorrência lógica deste juízo de valor, seus membros não são considerados capazes de, refletindo racional e sistematicamente sobre seus próprios problemas, chegar a compreendê-los. Roger Bastide, num de seus trabalhos mais recentes, chama a atenção para esta maneira de ser do cientista estrangeiro, que considera uma falha, uma conseqüência do etnocentrismo de intelectuais dos países desenvolvidos, e recomenda vivamente que uma abordagem anti-etnocêntrica seja adotada.

A segunda orientação que Roger Bastide sempre seguiu foi a de não sacrificar a multiplicidade do real à estreiteza de uma só perspectiva, e de não rejeitar os dados porque colhidos em fontes de que a ortodoxia sociológica costuma desconfiar: literatura oral e escrita; artes plásticas; narrativas de sonhos; murmúrios de doentes mentais, vinham se acrescentar ao material captado de maneira mais formal através de entrevistas e questionários. Ao cuidar da interpretação, buscou as teorias que melhor se adaptassem ao conjunto surrealista que lhe mostrava a sociedade brasileira, pela disparidade de aspectos que, no entanto, formavam um todo de partes profundamente interligadas. Diante de realidade social tão variada, uma perspectiva teórica apenas, que tudo explicasse, iria fatalmente amputá-la de elementos que poderiam ser fundamentais; à complexidade do objeto analisado, devia corresponder a complexidade teórico-explicativa ⁽¹⁾.

Finalmente, este objeto sobre o qual se assestavam faixas de luz dos mais diversos quadrantes, para penetrá-lo e esclarecê-lo, é para Roger Bastide antes de tudo essencialmente móvel, dotado de intenso dinamismo, sua qualidade primeira; cumpre também não sacrificar este aspecto primordial, pois sem ele nada se consegue nem compreender, nem explicar. Desta forma, quer seja nos primeiros livros — *Psicologia do Cafuné*, ou *Imagens do Nordeste Místico em Branco e Preto*; ou então nos *Estudos Afro-Brasileiros*, e ainda no volume sobre o Folclore Brasileiro; nas suas duas teses, a “pequena” que foi *O Candomblé da Bahia (rito nagô)*, e a “grande”, em que estudou *As Religiões Africanas no Brasil* (pois exigia então o mais alto diploma francês a apresentação e defesa de duas teses); e finalmente neste livrinho que é um canto de saudade, *Brasil, Terra de Contrastes*, — em todos eles o movimento da História, o movimento das camadas sociais, o movimento dos grupos étnicos em suas interações, as modificações das classes através do tempo, são captados para mostrar a integridade da realidade social em seu curso e em seu constante devenir. Quer interrogue as etnias, ou as classes, ou os grupos, ou os indivíduos, procurou sempre Roger Bastide apanhar na rede da sociologia as manifestações dos movimentos históricos e a-históricos que

(1) Duas obras são muito reveladoras desta orientação de Roger Bastide: *Les Religions Africaines au Brésil* e, principalmente, *Anthropologie Appliquée*, esta última publicada em 1971.

são a essência das sociedades humanas e que a sociedade brasileira, segundo ele, revelava possuir em alto grau.

E assim, nestes fecundos dezesseis anos de vida brasileira, Roger Bastide, ao mesmo tempo que transmitia a seus alunos os conhecimentos que trazia de seu país, mostrava-lhes as diversas facetas da realidade em que viviam, e ensinava-lhes como tentar apreendê-la no que apresentava de mais fundamental e específico. Foram seus alunos nesse período Mário Wagner Vieira da Cunha, Florestan Fernandes, Antônio Cândido de Mello e Souza, Gilda Rocha de Mello e Souza, Gioconda Mussolini, Lavínia Villela, Egon Schaden, Lucila Hermann, Lourival Gomes Machado, Ruy Coelho, Azis Simão, Douglas Teixeira Monteiro, Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, Marialice Mencarini Foracchi, Maria Sylvia Carvalho Franco e também a autora destas linhas, além de muitos outros que não permaneceram na Universidade de S. Paulo, mas se espalharam por outras Faculdades, ou se disseminaram pelo ensino secundário.

*

Até agora falamos do cientista, do sociólogo; e quem era o homem? Sua qualidade mais marcante foi sem dúvida a modéstia, tocando as raízes da humildade: modéstia no trato com os demais, humildade na maneira de encarar seu próprio trabalho científico de que nunca tirou nenhuma vaidade, — humildade que lhe fez ter uma atitude constantemente crítica em relação à sua própria obra. Além da modéstia e de sua irmã mais moça, a humildade, outro traço característico foi a generosidade; seus antigos alunos não hão de esquecer o auxílio que sempre procurava lhes prestar e da maneira a mais variada, lembrando-se deles quando se punha ao corrente das novidades bibliográficas, projetando-os no palco da ciência todas as vezes em que vinha à baila um domínio em que eram especialistas, dando-lhes apoio moral, e até mesmo material, sempre que se fazia mister. Estas qualidades que, de cientista, o alçavam à altura do verdadeiro sábio, eram temperadas por uma vitalidade, uma alegria, um entusiasmo diante da vida, diante da arte, diante das descobertas científicas, que formavam como que o pano-de-fundo de todas as suas ações. Mais retraído numa roda estranha, deixava-se ir aos comentários jocosos e aos pensamentos paradoxais todas as vezes que se sentia “em casa”. Era esta vitalidade que sem dúvida alimentava sua perpétua curiosidade e admiração diante dos seres humanos em sua variedade, na diversidade de suas interrelações, na multiplicidade das configurações sociais em que se prendem, e principalmente no fluxo constante, no perpétuo devenir em que banham e que sem cessar modifica o emaranhado de relações que contraem uns com os outros.

No Brasil, grangeou amigos por toda a parte, na roda dos intelectuais, entre os artistas plásticos e os escritores, nas associações negras, nos candomblés. Pouco dotado para línguas, formou um idioma que lhe era es-

pecífico, em que francês, português, e até mesmo latim, se entrelaçavam com reminiscências vagamente italianas, no qual se fazia compreender perfeitamente de todo o mundo, seja nos colóquios com os alunos, seja nas conversas dos terreiros baianos.

*

Regressando a Paris, a fim de tomar posse de seu lugar na École Pratique des Hautes Études (VI^e Section), e logo a seguir também na Sorbonne, não se desprende Roger Bastide do Brasil e dos brasileiros. Existia ainda então, alojado nos porões do Museu do Homem, um Instituto de Altos Estudos Brasileiros, de que Paulo Duarte fora um dos fundadores e o maior animador; nomeado diretor do Instituto, ali passava Roger Bastide suas tardes duas vezes por semana, à disposição dos estudantes brasileiros que por acaso descobrissem a existência da instituição (que possuía excelente biblioteca), e ali os recebia com um cafezinho amigo. Mais tarde, incorporado o Instituto no Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, funcionando em excelente prédio na rue St. Guillaume, lá estava também Roger Bastide ministrando variados cursos sobre o Brasil.

Nos seus trabalhos, em suas aulas, os exemplos brasileiros vinham sempre à tona, espontâneos, revelando quão profundamente se lhe incorporara na experiência tudo quanto aqui vivera, presenciara, estudara. Os bolsistas brasileiros que o procuravam encontravam nele apoio, que manifestou sempre das mais variadas formas; seus antigos alunos, quando vinham a Paris em viagem, eram recebidos com uma alegria que revelava a saudade; sua presença era obrigatória em toda banca de tese que versasse sobre o Brasil; e fazia timbre em comparecer a todas as atividades intelectuais ou artísticas de brasileiros — espetáculos teatrais, exposições de pintura, etc. Mantinha-se ao corrente de todo o movimento editorial brasileiro, principalmente quando ligado aos assuntos que mais tocavam aos seus estudos, mas procurando também se inteirar dos rumos da literatura e da poesia. Vivia em Paris com o Brasil e, continuando sempre a pesquisá-lo, vivia muito para o Brasil.

Depois de sua partida, em 1954, somente aqui veio duas vezes, em 1962 e em 1973. Em ambas as estadias, foi em S. Paulo que se demorou mais tempo, junto a seus amigos, junto a seus ex-alunos. Passado o primeiro momento de choque e de espanto diante das mudanças materiais vertiginosas da cidade, logo se reencontrava e “ficava em casa”. Voltava a pesquisar, para descobrir se as peculiaridades que tanto o haviam maravilhado ainda existiam; se a terrível civilização de consumo que parecia se instalar a galope sobre a antiga civilização amalgamada de elementos portugueses, africanos e indígenas, não a havia ainda totalmente anulado; se a mistura do antigo e do novo, do europeu e do não-europeu, do branco e do preto, do velho e do jovem, de muito ricos e muito pobres, permanecia ainda, contraditória porém favorecendo as coe-

xistências. Pois, como notara em *Brasil, Terra de Contrastes*, a peculiaridade da sociedade brasileira era a constância das modificações rápidas, de tal maneira que se instalava a monotonia da mudança social. Reunia então novas observações, novas inferências, novas evidências, que serviriam para novos trabalhos, prosseguimento e revisão dos anteriores.

O programa de 1962 repetiu-se em 1973. Roger Bastide aqui esteve de julho a setembro, entregando-se com entusiasmo juvenil à tarefa que se propusera executar: verificar o que se passava na Amazônia, no que diz respeito a interpenetrações de civilizações, pois não estudara ainda diretamente o problema naquela área; verificar em S. Paulo se as hipóteses que havia formulado 20 anos antes, para o desenvolvimento das relações entre pretos e brancos numa cidade em processo veloz de industrialização, estavam ou não se verificando; e, finalmente, rever por toda a parte, no Rio de Janeiro, em Salvador, em S. Paulo, os muitos amigos que aqui havia deixado, entre os intelectuais, nos candomblés e nos terreiros, nos clubes e sociedades culturais negras, — tanto mais que o tempo ia abrindo constantemente entre eles claros irreparáveis.

Os que estiveram então com o Mestre, admiraram a robustez física e mental daquele homem de 75 anos, na plenitude de seu vigor intelectual; no mais alto grau de acuidade de sua percepção de sociólogo, refinada por larga experiência teórica e de pesquisa de campo; no brilho de um pensamento rápido, profundo, paradoxal e jocoso; na precisão dos conceitos e reflexões, condimentadas com um salzinho de ironia. Estava encantado com suas novas observações, que em parte davam razão às suas antigas hipóteses, em parte as corrigiam, mostrando que as relações inter-raciais haviam enveredado por insuspeitados caminhos, mercê dos impulsos de uma industrialização acelerada. Assim, sua última viagem ao Brasil foi uma grande pesquisa de campo, fechando o círculo das que fizera em sua vida, — brasileiras as primeiras e a última.

Dois meses após seu regresso à Europa, a moléstia inesperadamente o subjugou, fazendo-o sofrer atrozmente. Porém em janeiro, operado e já sem dores, recomeçou a fazer planos de trabalho; queria retomar a direção de seu grupo de Psiquiatria Social, preocupado com os prejuízos que uma longa interrupção poderia trazer aos orientandos. Seu devotamento aos estudantes, a quem sempre procurou auxiliar com sacrifício de tempo e de repouso, aliado ao real prazer intelectual que sentia em conhecer e discutir o trabalho de cada um, levavam-no a encurtar o que ele interpretava como a sua “convalescença”, porém que os outros sabiam constituir uma pausa de duração ignorada. Aqueles que ainda o viram no hospital, não hão de esquecer o bom-humor, a serenidade, os planos de futuro que formulava, a aceitação tranqüila da diminuição física desde que persistisse a integridade intelectual, o prazer com que ainda se entregava à leitura, “aproveitando aqueles momentos de folga para se por em dia com a bibliografia”... Momentos de folga que foram tão breves!

Roger Bastide faleceu em Paris a 11 de abril de 1974. Na cerimônia fúnebre que antecedeu ao enterro, soaram os tambores de culto, o toque brasileiro alternando com o toque africano, em homenagem ao filho de Xangô, protestante convicto, que deixava este mundo. Não perdia o Brasil apenas um grande amigo, um grande Mestre que concorrera como ninguém para a formação de toda uma larga geração de sociólogos; perdia também um autêntico sociólogo brasileiro, que se apresenta como o elo fundamental na cadeia que une os precursores autodidatas aos novos profissionais.

ROGER BASTIDE AND BRAZIL

The sociologist Maria Isaura Pereira de Queiróz was among Roger Bastide's first disciples in Brazil and kept ties of friendship and work with the deceased scientist up to the end of his life. In the present article she recalls several moments of Bastide's career devoted to Brazil, starting from his first stay in this Country in 1938 to integrate the French Mission summoned to take part in the organization of the Faculty of Philosophy, Sciences, and Letters of the University of São Paulo. A large number of those who then joined Bastide as his pupils appear today in the first rank of Brazilian social scientists.

Maria Isaura Peerira de Queiróz calls our attention to her master's personal virtues, among which she emphasizes his humility and modesty. These virtues together with Roger Bastide's intellectual merits, made him beloved in all Brazilian circles, from the scientific to the artistic and popular.

ROGER BASTIDE ET LE BRÉSIL

Sociologue, Maria Isaura Pereira de Queiroz se trouvait parmi les premiers disciples de Roger Bastide au Brésil et maintint avec lui des liens d'amitié et de travail jusqu'à la fin de ses jours. Dans l'article présent elle rappelle plusieurs étapes de la carrière de Bastide, carrière consacrée au Brésil, depuis son premier séjour dans ce pays, en 1938; il a su vite intégrer la Mission Française invitée a faire partie de l'organisation de la Faculté de Philosophie, Sciences et Lettres de l'Université de São Paulo. Parmi ses élèves plusieurs se présentent aujourd'hui au premier rang des spécialistes en sciences sociales de la nation Brésilienne.

Maria Isaura Pereira de Queiróz rappelle ici les vertus personnelles de son maître, mettant en relief son humilité et sa modestie. Ces vertus, alliées aux mérites intellectuels de Roger Bastide, ont fait qu'il fut aimé de tous les milieux brésiliens, depuis les hommes de science jusqu'aux artistes et la masse populaire.